



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**CENTRO DE ARTES**  
**COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA**

**CESAR WILLIAM BOLETTI**

**Personagens LGBT na Animação Seriada Infantil:**  
**Steven Universo e a representação da comunidade LGBT**

**Pelotas/RS**

**2018**

**CESAR WILLIAM BOLETTI**

**Personagens LGBT na Animação Seriada Infantil**

**Steven Universo e a representação da comunidade LGBT**

**Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema de Animação no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.**

**Orientadora: Profª Draª Ana Paula Penkala**

**Pelotas  
2018**

**CESAR WILLIAM BOLETTI**

**Personagens LGBT na Animação Seriada Infantil**

**Steven Universo e a representação da comunidade LGBT**

**Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema de Animação no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.**

**Aprovada em**

**Banca Examinadora:**

---

**Profª Draª Ana Paula Penkala**

---

**Profª Me. Carolina Corrêa Rochefort**

---

**Profª Draª Carla Schneider**

## **AGRADECIMENTOS**

O resultado desse trabalho não seria o mesmo sem o suporte de vários anjos.

Agradeço minha mãe Lucilene, pelo apoio a meus estudos e amor incondicional: a Gem mais extraordinária do Universo.

Agradeço minha orientadora Penkala, pelo esmero em preparar encontros tão provocativos, e generosidade em trazer temas tão cruciais para formar não só cineastas, mas seres humanos melhores.

Agradeço às professoras Carol Rochefort e Carla Schneider, por aceitarem o convite de banca, contribuições e críticas construtivas a esse trabalho. Aos amigos do Café, por fazerem minhas manhãs mais felizes: Denis, Ezequiel, Thiago, Jaime, Ruan e Raphael.

Ao PT, Sisu, UFPel e Prae pelo acolhimento e suporte, que como aluno cotista de baixa renda, sem o auxílio das bolsas de assistência estudantil, jamais teria esse privilégio de acesso e permanência na Universidade. À todas as pessoas que compõem as bases essenciais da Universidade como portaria, auxiliares da conservação, técnicos-administrativos, corpo docente, recepcionistas e cozinheiras do RU: Tatiana, Iara, Dirce, Roberta, Elisangela, Bianca, Lídia, Jardel, Ewerton, Thiago e Lucas.

Aos meus irmãos Gleidison e Vagner, pelo apoio e entusiasmo.

Ao Vitório, por se importar e pelas caronas ao pronto socorro.

A toda a Turma de Animação 2015, agradeço por me ensinarem tanto.

E aos queridos Bruno, Ramona, Naum, Rafael, Vitor, André, João e Dhara, pelo privilégio da amizade.

## RESUMO

Poucas são as animações infantis que trazem personagens que fujam das normativas de gênero e sexualidade. Desse modo, as séries animadas, muitas vezes generalizadas como exclusivas para o público infantil, acabam não trazendo personagens que representam a comunidade LGBT. Nesse sentido, durante anos, inúmeros personagens foram apropriados pela comunidade como ícones LGBT, como resistência frente ao apagamento dessas identidades. Com o advento da série *Steven Universo* (*Steven Universe*, 2013) esse trabalho foi proposto, a fim de tentar analisar como esse produto de animação, utilizando das metáforas e antropomorfismo, apresenta personagens fora da normatividade de gênero e sexualidade, tendo como base principal de análise, os conceitos de performatividade de gênero proposto por Judith Butler.

Palavras-chave: Performatividade de gênero; séries de animação; Judith Butler; análise de personagens

## ABSTRACT

There are few children's animations that bring characters who escape gender norms and sexuality. In this way, the animated series, often generalized as exclusive to the children's audience, end up not bringing characters that represent the LGBT community. In this sense, for many years, numerous characters were appropriated by the community as LGBT icons, as resistance against the erasure of these identities. With the advent of the *Steven Universe* series (*Steven Universe*, 2013) this work was proposed in order to try to analyze how this product of animation, using the metaphors and anthropomorphism, presents characters outside the normativity of gender and sexuality, having as main base of analysis, the concepts of gender performativity proposed by Judith Butler.

Keywords: gender performativity; animated series; Judith Butler; characters analysis

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	p. 6
2. Personagens LGBT na História da Animação.....	p. 8
2.1.Representação equivocada de estereótipos LGBT no audiovisual	p. 11
2.2. Uma outra era da representação LGBT na animação infantil.....	p. 15
3. Performatividade a partir dos estudos de Gênero.....	p. 17
4. Análise.....	p. 19
4.1. Steven.....	p. 19
4.2. As Gems Protagonistas.....	p. 22
4.3. As Gems Descoloridas.....	p. 25
4.4.Os Humanos.....	p. 27
5. Considerações Finais.....	p. 29
6. Referências Bibliográficas.....	p. 30
7. Referências Filmográficas.....	p. 30

## 1 INTRODUÇÃO

A representatividade LGBT é escassa na animação, e talvez a causa disso seja ainda a ideia de que esta técnica é destinada ao público infantil (embora narrativas animadas não sejam destinadas apenas às crianças). Se o público infantil for considerado como “o alvo”, qualquer discussão de gênero e sexualidade é vista como tabu, tanto pela própria indústria de animação quanto pelos adultos responsáveis pelas crianças. De forma geral, as personagens da animação seguem a normatividade de gênero e sexualidade, ou seja: o padrão de masculinidade, feminilidade e heterossexualidade. Assim, quando uma série de animação aborda de forma central algumas dessas questões, é importante que seja discutida. Este trabalho propõe **um olhar sobre a série animada *Steven Universo***<sup>1</sup> (*Steven Universe*, Cartoon Network, 2013), **em especial sobre a representação da sexualidade não normativa e a quebra do padrão binário de gênero**. Em um contexto de animações fortemente normativas, a importância de analisar as personagens de *Steven Universo* se dá por conta da representação de diferentes performatividades de gênero, que não estejam presas rigidamente ao binarismo masculino x feminino. Esta observação é a base deste trabalho, que pretende discutir o histórico de apagamento da sexualidade de algumas personagens e até a carência de representações da diversidade sexual e de gênero na animação ocidental. Considera-se esse apagamento como prejudicial para as crianças e, principalmente, que a narrativa da série aqui analisada consiste em uma resposta plural ao modelo reforçado nas narrativas audiovisuais destinadas ao público infantil. A escolha de *Steven Universo* como objeto de estudo desta pesquisa recai sobre a maneira com que as personagens oferecem um panorama onde as diferenças (sexuais ou de gênero) sejam representadas de maneira a refletir nossa sociedade e permitir às crianças um contato com diferentes identidades e afetividades.

---

<sup>1</sup> *Steven Universo* é como a série é chamada no Brasil. Sua transmissão ocorre pelo canal de assinatura Cartoon Network Brasil, todos os dias às 14:15, 17:00 e 00:30. Até o momento de realização desse trabalho (Dezembro de 2018) a série tem 5 temporadas completas, totalizando 152 episódios, com 11 minutos de duração cada. A história está em andamento com a sexta temporada em produção.

A maneira com que este trabalho problematiza essas representações, se dá através da noção de que a falta de representações menos normativas de gênero e sexualidade, faz com que as personagens que se transformam em símbolos LGBT não sirvam necessariamente como representações plausíveis<sup>2</sup> para pessoas que vivenciam a homoafetividade diariamente, por exemplo. Por isso, este trabalho inicia com um levantamento histórico dos personagens que desde 1940 até hoje foram sendo tomados como ícones pela comunidade LGBT, como Pernalonga, He-Man, Meninas Super Poderosas, etc. A fim de identificar os conjuntos de símbolos que carregavam e que lhes permitiram ser escolhidos como ícones LGBT. E também compreender o processo de mudança desses símbolos.

A importância desses personagens tidos como representativos das homoafetividades, por exemplo, e dessa nova leva de animações como *Steven Universo* é fundamental, no sentido de que quebram tabus. Além disso, servem como uma oportunidade de as crianças enxergarem desde cedo todas as possibilidades de performar gênero ou viver a sexualidade. Verificamos que também mostra diferentes maneiras com que as pessoas se identificam e se enxergam no mundo, contribuindo na promoção de respeito às diferenças e percepção “normal” de suas próprias identidades e sexualidades, especialmente considerando-se que a televisão serve, em muitos casos, como fonte de informação.

Após este levantamento, a série *Steven Universo* é analisada a partir de conceitos como o de performatividade e sob o aspecto da representação, fazendo uma divisão dos personagens em quatro categorias: 1) Steven, 2) As Gems Protagonistas, 3) As Gems Descoloridas e 4) Os Humanos. O ponto de referência foi a concepção de gênero como algo construído através de discursos impostos pela sociedade e do poder operado por eles, como veremos em Judith Butler (2003).

---

<sup>2</sup> Ser plausível é ser digno de aplauso ou aprovação, quando se admite algo como razoável ou aceitável. No caso do texto, foi empregado acerca da representação LGBT, entendendo-se como plausível a representação que não seja pejorativa e que não possua estereótipos negativos. Desse modo, uma representação que reflete as vivências e afetividades da comunidade LGBT como de fato ela é no mundo, será chamada no decorrer do texto de plausível.

## 2 PERSONAGENS LGBT NA HISTÓRIA DA ANIMAÇÃO

Ao longo da história da animação, diversos personagens marcaram gerações, como Tom e Jerry (Warner Bros,1940) e, alguns existem até hoje como o ícone Mickey Mouse (Disney, 1928). Percebemos que na vasta maioria são personagens masculinos e representados como heterossexuais, em um cenário em que não existem personagens LGBT.

Devido a falta de representatividade nas animações daquela época, a comunidade LGBT especulava acerca da sexualidade de personagens que desviavam de comportamentos heteronormativos, como o Pernalonga (Warner Bros,1940), que diversas vezes usava perucas e roupas femininas (Figuras 1 a 4) com a finalidade de despistar o personagem do caçador (Hortelino Troca-Letra) por vezes até o beijando para conseguir fugir.



Figura 1 - Pernalonga travestido  
Fonte: <https://bit.ly/2rLrDB4>



Figura 2 - Pernalonga travestido  
Fonte: <https://bit.ly/2A7XsZA>



Figura 3 - Pernalonga travestido  
Fonte: <https://bit.ly/2SdwjLI>



Figura 4 - Pernalonga travestido  
Fonte: <https://bit.ly/2ReOTpO>

Entretanto, em entrevistas, a produtora Warner Bros negava que o personagem pudesse ser gay. Ainda assim Pernalonga foi adotado como ícone da comunidade LGBT, juntamente com outros personagens (Figura 5) como Ele (Meninas Super Poderosas, 1998), Smurf Vaidoso (Os Smurfs, 1981), He-Man (He-Man, 1983), Arlequina e Hera Venenosa (*Batman, The Animated Series*, 1992), Leão da Montanha (Hanna-Barbera, 1961), Bob Esponja (Nickelodeon, 1999) e She-Ra (Filmation, 1985), todos, de modo semelhante ao Pernalonga, subverteram determinadas convenções impostas ao gênero.



Muitos desses personagens são animais antropomórficos de personalidade humana, e variados perfis psicológicos, o que os humaniza na percepção do espectador. Desse modo, algumas características desses personagens despertavam questionamentos na comunidade, acerca da sexualidade dos mesmos, assim as produtoras parecem ter modificado os futuros episódios das séries para reafirmar o papel heteronormativo de seus personagens. Um exemplo foi a inclusão da Lola Bunny para ser o par romântico do Pernalonga, assim como não se usou mais sua tática de se travestir como alívio cômico. Essas ações parecem ter ocorrido com a

finalidade de as produtoras distanciarem seus personagens de debates LGBT, os quais são sempre vistos como tabu, devido ao público alvo dessas séries serem as crianças.

Personagens LGBT em animações infantis foram inexistentes até pouco depois dos anos 2000. Nesse tempo somente algumas animações adultas contavam com personagens LGBT como o longa de animação nacional *Rocky e Hudson* (Otto Desenhos Animados, 1994), que apresentava dois caubóis gays como protagonistas, com estereótipos negativos sobre os homossexuais. A série *Os Simpsons* (Fox, 1989) também conta com uma gama de personagens LGBT, como Patty irmã de Marge, Lisa Simpson (figura 6) em fotos de sua versão do futuro e Waylon Smithers, o cuidador do Sr. Burns.



Figura 6 - Lisa Simpson do futuro como lésbica  
Fonte: <https://bit.ly/2QHPOj2>

Segundo Jacob Combs (2012), foi somente em 2012, no longa *Paranorman* (Laika, 2012), que se teve o primeiro personagem assumidamente LGBT em uma animação infantil: o coadjuvante Mitch. No final do filme, Mitch revela através de um diálogo que possui um namorado. Após *Paranorman*, outros longas como *Frozen* (Disney, 2014), *Zootopia* (Disney, 2016) e *Procurando Dory* (Pixar, 2016) incluíram

de maneira implícita ou sutil coadjuvantes e figurantes de sexualidade homoafetiva ou gêneros não normativos nessas produções (figura 7)



Figura 7 - Casal lésbico de *Procurando Dory* (2016)  
Fonte: <https://bit.ly/2UZ3jcE>

Atualmente um exemplo de série com representação LGBT diferenciada e plausível é *Steven Universo* (2013), onde as personagens principais são personificações de pedras alienígenas (Gems), que assumem formas antropomórficas femininas que lutam para proteger a Terra das invasões Gem do Planeta Natal. Os relacionamentos amorosos entre as personagens são vistos de maneira normal pelos personagens da Terra, o que naturaliza a visão do espectador sobre elas, e a visão conflituosa de como o Planeta Natal as enxerga e repudia expõe problemáticas presentes em nossa sociedade.

## **2.1 Representação equivocada de estereótipos LGBT no audiovisual**

Personagens LGBT eram inexistentes nas produções audiovisuais dos anos 1950 até 2000. A maioria dos personagens animados desse período seguiam os comportamentos normativos semelhantes, com protagonistas em maioria do gênero masculino, de vestimentas e comportamentos que deixavam claro seus papéis de gênero. De modo geral seus objetivos variavam entre ter confiança, força e

frequentemente ficavam irritados e agressivos em diversas situações, como vemos em Popeye, Mickey Mouse, Zé Colméia, Dom Quixote e Pateta, comportamentos que reforçam padrões de masculinidade heteronormativa. No caso das personagens femininas observa-se que são em sua maioria coadjuvantes e exercem papéis de cuidado ou par romântico com os protagonistas. Em geral elas são indefesas, reproduzem comportamentos de comedimento nas falas e vestimentas, passividade em relação a ação e são facilmente impressionáveis pelos personagens masculinos. Alguns exemplos podem ser observados em Olívia Palito, Minnie Mouse e Margarida.

A comunidade LGBT não tinha representação em nenhuma parte da mídia, fosse cinema, rádio, revistas, publicidade ou animação. Como resultado, observa-se que representações estereotipadas como a do Pernalonga em 1950 sirvam como símbolos da comunidade.

O imaginário popular dessa época acerca de como seria um homem homossexual residia na crença de que o mesmo gostava de se vestir com roupas femininas, maquiarse e usar peruca de modo a se passar por uma mulher. Esse imaginário foi construído pelo distanciamento que a mídia tinha da comunidade LGBT, logo os filmes jamais poderiam representar o modo como de fato a comunidade se manifesta. No filme *Quanto mais quente melhor* (Billy Wilder, 1959), dois homens se “disfarçam” de mulher pra escapar da máfia (figura 8). Na época o filme e toda a referência a ele tornam o homem vestido de mulher em uma aberração e motivo de graça, já que é uma comédia. Mesmo não tendo sido feito com a pretensão de representar personagens homossexuais, pode ter contribuído na criação de uma representação alegórica dos homossexuais dos anos 50, usados como alívio cômico e desumanizados em várias produções, mesmo quando não em comédias.



Figura 8 - Protagonistas de *Quanto mais quente Melhor* (1959)  
Fonte: <https://bit.ly/2GzFDIx>

O que diferenciava Pernalonga dos demais personagens era o fato de ser um coelho performando um papel de outro gênero, ao se travestir. Mesmo a representação da comunidade LGBT não se resumir somente ao ato de se travestir, essa ação do Pernalonga configurou a primeira vez que um personagem quebrou um padrão normativo na animação, o que explica sua apropriação pela comunidade LGBT.

Um ícone LGBT não necessariamente precisa ser uma pessoa ou personagem assumido como LGBT, o que era impensável pelo tabu da época. Por isso os conjuntos de símbolos que tornavam o personagem elegível como ícone LGBT foram mudando ao longo do tempo. Desse modo, sempre refletiam o contexto histórico, o imaginário popular e estereótipos de cada período acerca de como se imaginava que uma pessoa LGBT fosse.

Após o reconhecimento de Pernalonga e a alegoria de se travestir, o imaginário dos anos 70 sobre o homem gay foi fortemente influenciado pelo estilo dos desenhos do artista *Tom of Finland*. Suas obras serviram de inspiração para vestimentas, surgindo a subcultura do couro, figuras 'malhadas' e hiper másculas da academia. A padronização do cinema pornô gay também ajudou a reforçar esse

perfil caricato, cimentando essa transição de símbolo pela qual outros ícones LGBT viriam a emergir.

Nesse sentido e período, o personagem do Príncipe Adam (*He-Man*, 1983) logo também foi apropriado como ícone gay, pois a sua caracterização se encaixava naquela imagem do homem 'sarado', roupa colada e cabelo 'chanel'.

Os debates sobre direitos LGBT foram ganhando força nos EUA desde os anos de 1970, e com isso a celebração do orgulho e lutas pelos seus direitos civis. De certo modo, a manifestação do orgulho gay e o estereótipo reforçado do homossexual 'afeminado' marcou a transferência simbólica do imaginário 'malhado' para o imaginário da pessoa que estaria sempre 'feliz', justificando o termo gay ("alegre", em inglês) como mais que um estereótipo: uma identidade.

Dentro desse novo imaginário dos anos 2000, o do LGBT hiper alegre, o personagem Bob Esponja (Nickelodeon, 1999) se tornou mais um ícone. Entre outras características, tinha bom humor constante, sem interesse amoroso, interagia com todo o cenário, dava as mãos ao Patrick, seu melhor amigo. Bob Esponja não foi criado para haver discernimento sobre gênero, pois é literalmente uma esponja quadrada de calça, mas ainda assim sua sexualidade é debatida entre o público.

As adoções desses ícones LGBT pela comunidade se deram mesmo quando alguns desses personagens nem tinham definição de gênero aparente. Simplesmente pelo fato da existência dessas identidades jamais serem consideradas para representações plausíveis de como são na realidade. Foram períodos em que a apropriação desses símbolos foram um ato de resistência LGBT, na necessidade de se enxergar também nas animações infantis que por sua vez ensinam as crianças sobre o que é ser homem e mulher, mesmo que metaforicamente, com avatares de animais antropomórficos.

A comunidade não tinha alternativa senão a de se apropriar de alegorias que não davam conta de representar toda a diversidade da sigla LGBT. Os estereótipos que eram reforçados pelos ícones LGBT corroboravam somente com o imaginário popular, não dando conta da falta de ícones de lésbicas, bissexuais e travestis. O que um gay gordo e mal humorado enxergaria no Bob Esponja como um símbolo de referência, por exemplo?

Considerada a importância desses ícones como uma espécie de marco inaugural de se tratar a diversidade de personagens LGBT na animação infantil e, reconhecendo a transição desses símbolos ao longo das décadas, chegamos nos anos 2010 com um outro momento de representação das diversidades com *Steven Universo*. Compreendemos a existência dessa série também como resultado do atual momento histórico que possibilita avanços nas discussões sobre feminismo e gênero. Assim *Steven Universo* faz um borramento<sup>3</sup> dos padrões de gênero, para justamente não afirmar nenhum gênero.

## 2.2 Uma outra era da representação LGBT na animação infantil

Depois do ano de 2010, surgiu uma leva de animações que propõem representações menos normativas de gênero e sexualidade, como *Hora de Aventura* (Cartoon Network, 2010), *Clarêncio: o Otimista* (Cartoon Network, 2014), *The Loud House* (Nickelodeon Internacional, 2016), *Danger & Eggs* (Amazon Prime, 2017), *OK K.O.! Let's Be Heroes* (Cartoon Network, 2013), e *A Lenda de Korra* (Nickelodeon, 2012).

No mercado nacional, os criadores de *Rocky e Hudson: os caubóis gays*, o estúdio Otto Desenhos Animados lançaram o longa de animação *A Cidade do Piratas* (2018) que, apesar de ser uma comédia adulta, traz representação de gênero e sexualidade nas personagens de maneira plausível, tendo como inspiração a vida da chargista transsexual Laerte.

Nos curtas-metragens nacionais destacam-se a produção *O Coração do Príncipe* (Caya Ryuichi, 2014), um conto de fadas sobre o amor entre dois príncipes, Alexei e Kurt, que desafiam as forças do dia e da noite para se encontrarem no crepúsculo. Bem como o curta metragem universitário realizado na UFPel chamado *Reflexo* (Sami Vacari, 2015), onde duas mulheres usam a força do seu amor para transpor um espelho e ficarem juntas.

---

<sup>3</sup> Aqui a palavra borramento assume o sentido de apagamento, manchamento, uma vez que *Steven Universo* não afirma nenhum gênero, ele “apaga” a noção de que se precise generificar os personagens com o uso de pronomes. Desse modo, a forma de trazer a possibilidade em que qualquer corpo possa transitar entre qualquer gênero, constrói um caráter de ‘mistura’, ‘mancha’ da antes ‘clara’ divisão binária do gênero.

Dentre as séries comerciais ou do chamado *mainstream*, *Steven Universo* é a primeira que aborda como tema central a questões de gênero e sexualidade. As personagens podem ser reconhecidas como LGBT, sem recorrer a alegorias ou estereótipos negativos. As representações são plausíveis e não superficiais, mostrando diversos dilemas e conflitos relacionados a suas vivências, onde seus interesses amorosos, quer seja pelo mesmo sexo, oposto ou mesmo múltiplos é considerado normal no planeta Terra.

Para conseguir tratar o tema da diversidade LGBT, a série faz uso do antropomorfismo. Nesse universo as protagonistas Pérola, Ametista e Garnet são pedras preciosas que se personificam em corpos antropomórficos. Por não serem biologicamente humanas, esse fato pode ser estratégico como defesa contra adultos conservadores, que repudiam avanços de representação LGBT na animação infantil. Porém pela via da metáfora, qualquer público pode ter empatia pelas personagens e reconhecê-las na gama de emoções humanas. A partir daí, as pontes metafóricas do mundo diegético<sup>4</sup> e do real são facilmente reconhecíveis, como por exemplo o planeta natal das personagens condenar a união das Gems por amor.

A história gira em torno das Crystal Gems, personificações de pedras alienígenas vindas do Planeta Natal à Terra, a fim de colonizá-la e produzir mais Gems. Para isso usam recursos naturais e causam destruição das formas de vida nativa. Uma Gem chamada Rose Quartz passa a amar toda a vida na Terra e se opõe à colonização. Ela cria uma rebelião junto a outras Gems e travam uma guerra na qual são quase dizimadas, porém vencem. As forças do Planeta Natal são expulsas e a Terra é salva. Rose dá à luz a criança Steven e transfere sua pedra (essência de vida) a ele, que se torna o primeiro híbrido Gem e humano.

Quem cuida de Steven são as Gems sobreviventes, Garnet, Pérola e Ametista, que continuam a tarefa de guardiãs da Terra contra iminentes ataques do Planeta Natal.

Os corpos antropomórficos das Gems podem ser considerados do gênero feminino pelo espectador, entretanto não possuem atribuição de gênero na narrativa.

---

<sup>4</sup> Diegése na linguagem do Cinema é o que diz respeito à dimensão ficcional de uma narrativa. É uma realidade própria da história, à parte da realidade externa de quem assiste.

As personagens podem ser o que quiserem, com muitas possibilidades de subversão do gênero (normativo).

### **3 PERFORMATIVIDADE A PARTIR DOS ESTUDOS DE GÊNERO**

Para que se possa compreender como se dá a construção da noção de gênero e das normatividades que o cercam, é preciso recuperar a própria maneira como o gênero pode ser conceituado. Os debates referentes ao gênero ganharam força nos anos 1970, a partir dos estudos feministas, tendo como uma das principais autoras Judith Butler (2003).

É importante entender a diferença entre sexo, gênero e sexualidade. Sendo uma coisa o sexo biológico, referente à genitália e à condição reprodutiva e genética, e outra o gênero culturalmente constituído, a noção de masculino e feminino.

Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (BUTLER, 2003, p.43)

Quando a série propõe a não afirmação do gênero e seu borramento, contribui na desestabilização do gênero como algo natural e rígido. O emprego desse conceito faz com que os personagens fujam de uma construção baseada na chamada heterossexualidade compulsória.

Butler descarta a ideia de que o gênero ou o sexo seja uma substância permanente, argumentando que uma cultura heterossexual e heterossexista estabelece a coerência dessas categorias para perpetuar e manter o que a poeta e crítica feminista Adrienne Rich chama de “heterossexualidade compulsória” - a ordem dominante pela qual os homens e as mulheres se veem solicitados ou forçados a ser heterossexuais. Butler declara que as identidades de gênero que não se conformam ao sistema da “heterossexualidade compulsória e naturalizada” mostram como as normas de gênero são socialmente instituídas e mantidas. (SALIH, 2015, p.71)

O conceito da heterossexualidade compulsória, presente de modo invisível na cultura, e refletido nas animações antigas, não consegue espaço na proposta de *Steven Universo*. Nesse sentido, a série apresenta uma gama de personagens menos normativos, possibilitando à pluralidade de pessoas que vivenciam identidades e afetividades fora das normas, a também se verem representadas.

O conceito principal de respaldo para a análise é o de “performatividade”, apresentado por Butler (2003), isto é, o gênero enquanto ato performativo, enquanto “performance” é construído através da repetição e da nomeação e ocorre no interior de uma sociedade que, como tal, é organizada dentro de leis e normas que funcionam também pela via do discurso, através do qual se opera o poder. Portanto, o gênero é construído através do discurso imposto pela sociedade e do poder que este discurso opera.

Em *Steven Universo*, os habitantes da Terra parecem viver uma era Pós-Gênero<sup>5</sup>, onde os personagens mais normativos (moradores da ilha), vivem em harmonia com os menos normativos (Steven e as Gems). Na Terra, em momento algum cria-se conflito sobre as diferentes maneiras com que os personagens performam o gênero entre eles. Portanto, a inexistência de um discurso impositivo na Terra aumenta o contraste com o Planeta Natal das Gems, o qual se mostra regulador acerca da aparência social e comportamental delas. Sobre essa questão, segue abaixo um discurso de Rose a Greg que ocorre no episódio: Greg, a Babá:

"Quando uma Gem é criada, é por um motivo. Elas brotam do chão já sabendo o que elas devem ser. E aí, então, elas são o que são...pra sempre. Mas vocês, vocês tem que mudar. Nunca são os mesmos, nem por um momento. Vocês tem o poder, e se espera que inventem quem vocês serão. Que poder mais incrível. Habilidade de crescer." (STEVEN UNIVERSO, 2013, Temporada 3, Episódio 16, em 6 minutos e 40 segundos)

A fala de Rose propõe um olhar de fora, sobre a possibilidade de ‘fazer’ sua identidade em liberdade, permitindo ao espectador ter um parâmetro de comparação com os efeitos nocivos de ter que ‘assumir’ uma identidade criada culturalmente, vinda antes mesmo do próprio indivíduo. Parafraseando Butler (2003) entende-se

---

<sup>5</sup> O termo aqui se refere a um futuro utópico no qual os habitantes da Terra teriam deixado para trás os preconceitos acerca da generificação normativa das pessoas, onde todos passaram a respeitar e celebrar as individualidades e pluralidades das identificações de gênero e suas expressões afetivas, independentemente da genitália biológica de nascimento.

que o gênero não é um substantivo, mas sim performativo, que faz a identidade que pretende simular. Assim o gênero é sempre um fazer, embora não feito por um sujeito preexistente à obra, mas por um conjunto de hábitos, artefatos e normas.

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (BUTLER, 2003, p.69)

Tendo os conceitos de performatividade em mente, é possível compreender o caráter flexível e mutável da representação das personagens em *Steven Universo*, que apesar de terem características bem definidas, sempre estão sujeitas a mudança.

## **4 ANÁLISE**

Para analisar *Steven Universo* e como consegue romper com o discurso normativo de gênero e sexualidade, observaram-se as seguintes características presentes em pelo menos mais de dois episódios: diálogos, afetividades, vestimentas, modos de ser e agir.

A análise se dá a partir dos conceitos de performatividade sob o aspecto da representação. Para isso as personagens foram divididas em quatro categorias, sendo elas: Steven, As Gems Protagonistas, As Gems Descoloridas e Os Humanos.

### **4.1 STEVEN**

Escolheu-se uma categoria única para Steven devido a ser o único híbrido Humano e Gem. Desse modo sua performatividade pode transitar entre as duas espécies, bem como sua fusão ocorrer com outra Gem ou humano. Com Steven a própria criação de performance é colocada em cheque.

Steven nunca é generificado na série para além de seu nome (que é designado a meninos). Por ter a pedra de sua mãe no umbigo, acaba por diversas vezes sendo chamado de Rose pelas vilãs e por Pérola. Alguns atos de Steven

fazem Pérola se recordar de Rose, em momentos em que seu corpo transcende os limites do reconhecimento da identidade. Para isso o corpo de Steven não é considerado como não importante, mas abre possibilidades para que outros personagens vejam beleza na manifestação de Rose no filho.

No episódio *A Canção da Sadie*, quando Sadie, amiga de Steven, não consegue cantar no palco devido à ansiedade, Steven assume seu lugar e se apresenta. Para isso performa uma feminilidade que nem mesmo Sadie apresenta, utilizando artefatos como vestido, salto alto, maquiagem e movimentos leves e delicados (Figura 9), sendo reconhecido e aplaudido pela platéia. Desta forma, além de fluir para outras formas de identificação, a cena enfatiza a própria feminilidade reconhecida como natural como uma performance, especialmente quando demonstra que Steven não estaria imitando a suposta feminilidade de Sadie.

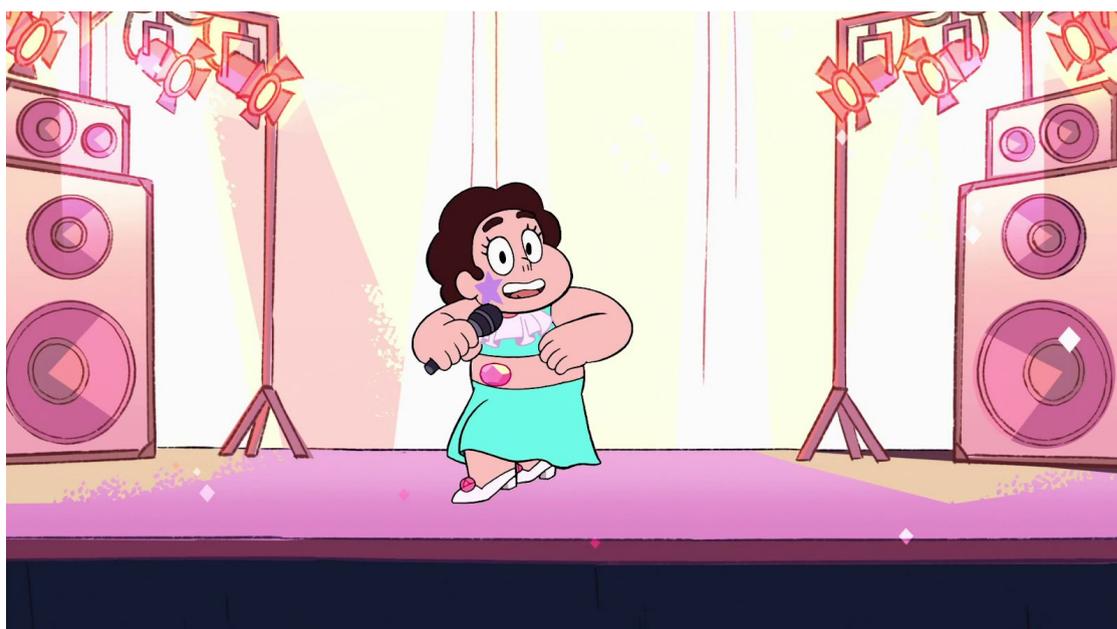


Figura 9 - Steven performando feminilidade

Fonte: <https://bit.ly/2ED85HT>

Quando Steven e Connie se fundem, tornam-se Stevonnie (Figura 10). A estatura deles aumenta, o cabelo fica maior que o de Connie, e a face torna-se andrógina. O fato de manterem as roupas originais dos dois sobrepostas, contribui para não afirmar se Stevonnie teria assumido um gênero em detrimento de outro.

De modo semelhante, Steven fundido com Ametista torna-se Quartzzo Fumê (Figura 11), tendo as roupas misturadas e gênero indefinível.



Figura 10 - Stevonnie  
Fonte: <https://bit.ly/2R7ibqg>



Figura 11 - Quartzzo Fumê  
Fonte: <https://bit.ly/2SW9xrQ>

Ao não afirmar nenhum gênero, os personagens podem ser o que quiserem, se relacionar e expressar livremente, fazendo transições entre as performatividades de gênero e as subvertendo, assim desnaturalizando a própria performance.

Através de alguns diálogos da série notamos que Steven demonstra empatia por todas as criaturas vivas. Como exemplo, no episódio *Descoloridas*, Steven e Lars estão no Planeta Natal e se deparam com uma Gem com má formação física em sua pedra, que oferece-lhes ajuda: “Peraí Steven, essa idéia é boa mesmo?” pergunta Lars. “Elas parecem diferentes, acho que nós podemos confiar” responde Steven (STEVEN UNIVERSO, 2013, Temporada 5, Episódio 3, em 3 minutos e 32 segundos).

De modo semelhante, no mesmo episódio, após a gem Rutilo explicar à Steven como as Descoloridas são “falhas”: “Pera, não tô vendo nada de errado com vocês” diz Steven (STEVEN UNIVERSO, 2013, Temporada 5, Episódio 3, em 6 minutos)

Nessa categoria, sua visão humanizada sobre todos os outros seres é importante, no sentido em que seu discurso desconstrói o caráter de valoração estabelecido pelas aparências físicas. Geralmente a resposta das personagens trazem à luz suas identidades e vivências, que no fim, é o que importa para Steven.

#### 4.2 AS GEMS PROTAGONISTAS

Nessa categoria estão Pérola, Garnet e Ametista, por compartilharem performatividades semelhantes e abordarem a generificação do corpo. Juntas vão na contramão de tudo o que o Planeta Natal impõe sobre regras normativas.

A cultura do Planeta Natal busca a separação e categorização das Gems por tipos, ditando uma hierarquia rígida, uma metáfora do que nossa sociedade faz entre os gêneros e também entre sexualidades. Esse discurso é sustentado pela instituição de poder político e bélico, com intuito de perpetuar a expansão das Gems sobre outros planetas. Desse modo, todas as Gems tem um papel social pré-definido pelo tipo de pedra que são, devendo jamais fugir dessas normas sob pena de morte, o que também metaforiza a normatização dos papéis de gênero.

Juntas Garnet, Ametista e Pérola cuidam de Steven, e essa configuração de três mães apresenta uma constituição de família não normativa. No episódio *Jantar em Família*, a mãe e o pai de Connie, propõe um jantar para conhecer a presumida família normativa de Steven. Porém para acompanhar seu pai (Greg), Steven não consegue escolher somente uma das Gems como mãe, então as três se fundem virando Alexandrite. O jantar é um desastre, a fusão não consegue fingir naturalidade e se desfunde na mesa, entretanto os pais de Connie se surpreendem com o modo como cuidam dele: “Eu não sabia o que pensar de vocês dois. Desculpem, de vocês quatro. Mas estou vendo que são pais muito responsáveis. Quer dizer, cuidadores, guardiãs” diz a mãe de Connie (STEVEN UNIVERSE, 2013, Temporada 1, Episódio 32, em 10 minutos e 25 segundos). Este diálogo demonstra que, para além das performances de gênero, a própria noção de família e outras instituições é transformada em espaço de ampla reflexão pela série.

Sobre as afetividades dessas personagens, fica evidente a representação da homoafetividade em Garnet (Figura 12), pois ela própria é uma fusão por amor de

duas Gems de tipos diferentes, uma Rubi e uma Safira. No Planeta Natal a união de duas Gems distintas é proibida. Ao romper a norma e lutar para permanecer unidas como casal, Garnet se torna um ícone LGBT sem precedentes na animação infantil. O episódio *Reunidas* é um marco histórico mostrando o primeiro casamento LGBT e beijo lésbico na animação infantil (Figura 13), com Rubi e Safira se fundindo permanentemente em Garnet.



Figura 12 - Garnet  
Fonte: <https://bit.ly/2R71dZ8>



Figura 13 - Rubi e Safira e o primeiro beijo lésbico  
Fonte: <https://bit.ly/2Sd7q2W>

Pérola é a personagem que mais transita entre as performatividades de gênero, apesar de ter corpo leve e delicado (remetendo a uma pérola real). Pode usar tanto um top com laço na cintura (Figura 14), quanto chapéu, sapatos e casaca (Figura 15), artefatos clássicos das performatividades de gênero feminino e masculino. Acerca da sua afetividade, seu amor por Rose é expressado tanto pelo carinho com que fala dela, quanto na letra da música que canta junto à Greg (viúvo de Rose) no episódio *Sr. Greg*: “Você foi sua escolha, ela te amou antes de partir. Mas se acabou, por quê não consigo seguir?” (STEVEN UNIVERSO, 2013, Temporada 3, Episódio 8, em 5 minutos e 42 segundos)



Figura 14 - Pérola  
Fonte: <https://bit.ly/2GzIscB>



Figura 15 - Pérola, Greg e Steven de figurino igual  
Fonte: <https://bit.ly/2GzIscB>

As Gems podem fazer transformações temporárias, moldando seus corpos como estratégias de batalha. Ametista é a única que utiliza a transformação fora de luta, para divertir Steven, se transformando em “cachorrocóptero”, bola, pintura abstrata, taco, etc. Esse caráter transitório e flexível que confere ao corpo, foge da rigidez ou comedimento que observa-se em Pérola, que reprova as transformações de Ametista como desnecessárias. Na maior parte do tempo Ametista está comendo, correndo, falando alto e gargalhando, em um conjunto de atos comumente conferidos à performatividade de gênero masculino.

O tema sobre corpo e aparência social se desenvolve mais com Ametista (Figura 16) no episódio *Quando bate o chicote*. Ela não questiona sua estatura baixa, e vive bem com isso, até se comparar à Ametista Jasper (Figura 17), vinda do Planeta Natal, alta e forte, tida pelos padrões daquele planeta como dentro da norma para finalidade bélica: “Você é uma soldado Quartz igual a mim, mas não é como eu não é? Você é pequena. Que desespero por tropas Rose, precisa ficar com uma defeituosa?”, zomba Jasper (STEVEN UNIVERSO, 2013, Temporada 3, Episódio 18, em 8 minutos).



Figura 16 - Ametista  
Fonte: <https://bit.ly/2V0tY8I>



Figura 17 - Jasper  
Fonte: <https://bit.ly/2Gw1OPV>

A partir disso, Ametista se reclusa e fica com raiva de si mesma. Sente-se inferior por não se encaixar no padrão de altura e força não atingidos no Jardim de Infância (local de criação) e acaba prejudicando seu relacionamento com outros personagens. Ametista serve como reflexo de como os padrões normativos físicos ou comportamentais, excluem uma significativa parcela de indivíduos que, fora dessa conformidade entram em ciclos de auto-depreciação, mutilação, ansiedade, depressão e até suicídio, representando uma das normatividades de gênero mais violentas.

### 4.3 AS GEMS DESCOLORIDAS

Juntas nessa categoria, as Gems Safira Padparadscha (Figura 18), Rutilo (Figura 19) Rodonita (Figura 20) e Fluorita (Figura 21) representam o que se tem de mais próximo do preconceito e ódio que a comunidade LGBT sofre com normatividade impositiva. Sua representação permite-nos relacioná-las

metaforicamente à existências que estão à margem da sociedade, sem teto, vulneráveis e/ou expostas à violência, como por exemplo transsexuais.



Figura 18  
Safira Padparadscha  
Fonte:  
<https://bit.ly/2AiYp1t>



Figura 19  
Rutilo  
Fonte:  
<https://bit.ly/2UXVGD3>



Figura 20  
Rodonita  
Fonte:  
<https://bit.ly/2rPG5s1>



Figura 21  
Fluorita  
Fonte:  
<https://bit.ly/2T0vXrN>

No Planeta Natal, as Gems expulsas do convívio social por serem consideradas defeituosas chamam-se “Descoloridas”, perseguidas por não terem nascido dentro dos padrões físicos esperados, ou por fugir de normas de comportamentos impostas.

Rutilo nasceu com uma formação de pedra bifurcada, tendo um corpo de gêmeas siamesas. Sobreviveu devido às demais Rutilos terem fugido de medo quando nasceu.

Safira Padparadscha não pode prever o futuro como as demais Safiras, ao invés disso, faz “previsões” do que já aconteceu. Pode-se comparar a personagem

com uma pessoa que teve atribuição de gênero baseada na genitália, e mais tarde venha a se identificar com o gênero oposto do designado. Padparadscha não performa como o esperado pelas demais do seu tipo. A não conformidade de seu poder expõe a fragilidade e caráter construtivo dessas normas do Planeta Natal. Não é porque a maioria das Safiras preveem o futuro que essa deva ser a única possibilidade “natural”. É justamente pela criação dessa crença fundacional naturalizada, que o poder de prever o passado passa a ser considerado incoerente, e portanto passível de justificar perseguição e destruição.

Rodonita e Fluorita são perseguidas por serem fusões de Gems de tipos diferentes. Quando perguntada sobre o número de Gems que é, Fluorita diz: “Seis, e talvez mais se conhecermos a Gem certa” (STEVEN UNIVERSO, 2013, Temporada 5, Episódio 3, em 6 minutos e 27 segundos). Assim é a primeira personagem da série que traz um relacionamento poligâmico, contribuindo para diminuir de certa maneira a carga de tabu sobre o tema, pela representação da possibilidade da existência e legitimidade no relacionamento entre mais de duas pessoas.

Destituídas do mínimo valor de vida, as Gems Descoloridas, ainda que vivas, perdem todo o suporte social de interdependência que todas precisam para sobreviver. Suas vidas são enquadradas como não mais passíveis de preservação, mas sim de morte sem luto.

Devido a carga pesada da situação das personagens, sua representação recorre ao lado cômico, todas tem falas engraçadas, possibilitando às crianças apreenderem essa realidade do Planeta Natal, que possibilita uma conexão com as questões de preconceito aos LGBT, com moderada descontração e diversão.

#### **4.4 OS HUMANOS**

Essa categoria abarca os humanos Sadie e Lars (Figura 22), reconhecidos como uma menina e um menino. Devido aos dois se gostarem, por vezes agem como um casal, e a partir disso podemos observar como subvertem normas e estereótipos convencionais de casais heteronormativos, trabalhando a não binariedade de gênero através dos papéis.

A série traz uma inversão dos papéis de gênero no episódio *Aventura na Ilha*. Steven, Sadie e Lars, presos em uma ilha, precisam trabalhar juntos para conseguir comida e sobreviver. Fugindo dos papéis esperados em que o homem caçaria e a mulher cozinharía a caça, Sadie rompe a norma: “Eu pesco, você cozinha” (STEVEN UNIVERSO, 2013, Temporada 1, Episódio 30, em 4 minutos e 20 segundos ). De igual modo rompendo com a tradição na animação de representar garotas de modo vulnerável e sempre carente de cuidado, no episódio, Lars se desespera e chora pela falta de resgate, Sadie o conforta: “Até elas chegarem eu te protejo” (STEVEN UNIVERSO, 2013, Temporada 1, Episódio 30, em 7 minutos e 58 segundos). Finalizando o episódio, mesmo cansada Sadie luta e vence uma Gem Corrompida, salvando Lars e Steven. Toda a dinâmica entre o casal não declarado mostra outras possibilidades de se performar o gênero, de modo a não contribuir à manutenção das opressões a que esse discurso serve.



Figura 22 - Sadie e Lars  
Fonte: Imagem capturada pelo autor

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a animação infantil um campo dominado pela representação normativa de gênero e sexualidade, enrijecida no padrão de masculinidade, feminilidade e heterossexualidade, cada ícone LGBT tomado pela comunidade era resistência perante repetidas práticas de apagamento ou destruição das sexualidades e performatividades de gênero não normativas.

Os ícones foram o marco inaugural no tratamento da diversidade LGBT na animação infantil, e sendo a própria comunidade que os elegeu, considerando as mudanças dos símbolos estereotipados de cada geração, que apesar de não representar de modo saudável as pessoas LGBT, ainda são desde 1940 até hoje importantes símbolos de resistência.

Presume-se que com o aumento no número de ícones LGBT, e o aquecimento nos debates de inclusão de diversidade, as produtoras tenham mais confiança em tratar o tema, já que o momento é mais receptivo do que há 10 anos. O que contribui para a sobrevivência dos personagens LGBT são as estratégias em representá-los em animais, alienígenas ou objetos. O que traz uma segurança nesses primeiros passos, de modo a familiarizar gradativamente o público mais conservador. Do contrário, o mesmo poderia repudiar essa performatividade se fosse apresentada em personagens biologicamente humanos de imediato.

Com o trabalho de antropomorfismo nesses personagens, lhes são garantidos empatia e identificação de sentimentos humanos, logo as crianças são capazes de relacionar noções de respeito às diferenças desses mundos fantásticos e transferi-las para sua realidade. Desse modo, as séries de animação são potenciais ferramentas de educação.

Por outro lado *Steven Universo*, trabalhando como tema a negação constante do gênero, consegue colocar à prova a fragilidade com o qual o mesmo foi construído na sociedade e nas mídias. Trazendo os estudos de gênero já trabalhados pelo feminismo, animações como *Steven Universo* são uma esperança para a comunidade LGBT ver representações plausíveis nas animações infantis do futuro. Não somente como ícones elegidos como resistência (suscetíveis a tentativas de deslegitimação), tampouco como migalhas espalhadas em figurantes de longa

metragens (que beiram *easter eggs*<sup>6</sup>), mas sim como protagonistas que sejam o reflexo fiel de como a sociedade vive suas identidades e afetividades.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2015.

COMBS, Jacob. Laika's 'ParaNorma' Presents First Openly Gay Animated Character. *IndieWire*, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2rOck66>>. Acesso em: 12 Nov. 2018.

## 7 REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

*Steven Universe*. Criadora: Rebecca Sugar. Direção: Elle Michalka, Nick DeMayo, Ian Jones-Quartney. Produção: Jackie Buscarino. USA, Cartoon Network, 2013. 11 min (152 episódios). Stereo, Cor, Formato 16:9 HD.

*Quanto mais quente melhor*. Direção: Billy Wilder. Produção: Billy Wilder, I.A.L. Diamond (produtor associado), Doane Harrison (produtor associado). USA, Ashton Productions, The Mirish Corporation, 1959. 121 min. Mono, Preto e Branco, Formato 35 mm.

*O Show do Pernalonga*. Direção: Abe Levitow, Chuck Jones. USA, Warner Bros. Television, 1960. 25 min (52 episódios). Mono e Estereo, Preto e Branco (1960-1962) e Cor (1962-1968), Formato 4:3.

*He-Man e os Defensores do Universo*. Direção: Hal Suterland. Produção: Lou Scheimer. USA, Mattel, Filmation, Dreamworks Animatikon SKG, 1983. 30 min (130 episódios). Mono, Cor, Formato 4:3.

---

<sup>6</sup> Easter Egg é originalmente nome dado a segredos escondidos em programas, sites ou jogos eletrônicos. No Audiovisual é o equivalente a encontrar uma mensagem subliminar, a qual pode passar despercebida se o espectador não estiver atento.

